

A CONCEPÇÃO FORMAL ARQUITETÔNICA DA IGREJA DO JUBILEU

CORREIA, William Meneguetti.¹
FERNANDES, Jaqueline Debiase.²
PIRES, João Cândido De Marco.³
SANTOS, Suellen Barth dos.⁴
OLDONI, Sirlei Maria⁵

RESUMO

Esta pesquisa é resultado de um estudo sobre a Igreja do Jubileu, obra do arquiteto americano Richard Meier. Trata-se de uma análise sobre uma obra contemporânea de cunho religioso, procurando entender suas formas, conceitos e iluminação, contextualizando a vida do autor, o motivo da predominância da cor branca e sua relação com a luz natural. A ênfase da pesquisa foi analisar a obra nos seus aspectos morfológicos, relação com o meio, articulações, formas, aspectos apresentados pelo teórico brasileiro Carlos Antônio Leite Brandão e a análise do espaço da obra através de conceitos do teórico italiano Bruno Zevi, buscando compreender em que ponto pode-se obter uma bela arquitetura, podendo assim interpretar de forma coerente os sentimentos transmitidos pelo autor.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja do Jubileu, Análise formal, Richard Meier.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho abordou como assunto a compreensão da forma arquitetônica da Igreja do Jubileu, localizada em Roma na Itália e projetada pelo arquiteto Richard Meier. Segundo Brandão (2001, p. 26) compreender a forma é observar a ordem nela existente, ou seja, os cheios e vazios, técnicas e materiais construtivos, as sensações transmitidas ao observador, as tensões e movimentos e ainda a relação entre estrutura perceptiva e a estrutura formal. É importante para um arquiteto entender a formalidade de uma obra e as intenções trazidas pela mesma, pois este estudo vai além de apenas observar e descrever superficialmente uma arquitetura.

Este estudo indaga como a forma arquitetônica se articula com o meio e qual a sua relação com o usuário. Sendo que, para tal problema, formulou-se a hipótese de que a obra se integra como meio, proporcionando ao observador diversas sensações, isto é possível, pois o espaço exterior da obra pode ser observado do seu interior, por meio dos fechamentos em vidro existentes na nave da

¹Acadêmico do sétimo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz – FAG. E-mail: william_menegueti@hotmail.com

²Acadêmica do sétimo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz – FAG. E-mail: debiase-96@hotmail.com

³Acadêmico do sétimo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz – FAG. E-mail: joacandido11@hotmail.com

⁴Acadêmica do sétimo período do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz – FAG. E-mail: suh.barth@gmail.com

⁵Professora orientadora, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo - FAG. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UEM/UEL. E-mail: sirleioldoni@hotmail.com



igreja. Os planos de luz natural também são de suma importância, sendo que os mesmos iluminam todo o espaço interior, influenciando a cada hora na visão do espectador.

Com isto determinou-se como objetivo geral desta pesquisa, compreender a forma arquitetônica da obra projetada por Richard Meier e a sua relação com o meio e o usuário. Para o atingimento deste objetivo geral foram formulados os seguintes objetivos específicos: a) Realizar o estudo bibliográfico tanto da obra quanto do arquiteto Richard Meier; b) Aspectos de análise morfológica apresentado por Carlos Antônio Leite Brandão e Bruno Zevi; c) Aplicar os aspectos de análise morfológica segundo Carlos Antônio Leite Brandão; d) Identificar como o arquiteto traduziu as duas formas em uma concepção de espaço e de mundo e e) comprovar ou refutar hipótese.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO OU FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O ARQUITETO RICHARD MEIER

Richard Meier nasceu em Newark, New Jersey, em 1934. Formou-se em 1952, na Columbia High School de Maplewood e cinco anos depois, em 1957, concluiu licenciatura em arquitetura na Universidade de Cornell, Ithaca, Nova York (CHAO, 2006).

Meier é um arquiteto de grande prestígio em todo o mundo. Suas obras seguem uma linguagem arquitetônica moderna construída a partir de desenhos geométricos compostos por linhas puras, planas e curvas e pela valorização da luz natural (RIBAS, 2014).

Segundo ALLEN (2017), Meier é conhecido por sua filosofia de projeto, de arquitetura abstrata e uso do branco em suas obras. O branco é a mais maravilhosa das cores por permitir que se vejam nela todas as tonalidades do arco-íris (RIBAS, 2014).

“O branco é a cor mais maravilhosa porque dentro dela você pode ver todas as cores do arco-íris. A brancura do branco nunca é apenas branca, é quase sempre transformado pela luz e pelo que está mudando, o céu, as nuvens, o sol e a lua” (MEIER, 1984).

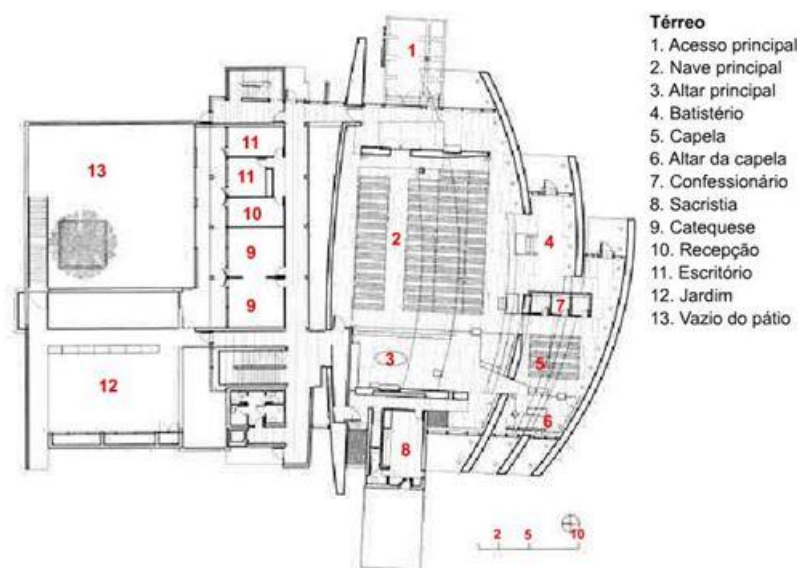
Convencionalmente o branco sempre foi considerado como o símbolo de perfeição, pureza e clareza. Percebemos que, ao contrário das outras cores, dependendo do seu contexto, sempre mantém no branco a integridade. Ao mesmo tempo, ele pode trabalhar como uma cor. Por exemplo, uma superfície branca pode apreciar o sair das sombras e luzes, cheios e vazios. Goethe disse: “a cor é a dor de luz, brancura é a memória, cor é antecipação” (GOETHE, 1798, *apud* CHAO, 2006).

2.2 IGREJA DO JUBILEU

A igreja da Misericórdia encontra-se em Tor Ter Teste, bairro localizado no sul de Roma. Projetada por Richard Méier para ser a igreja do milênio, teve um atraso e só foi concluída em 2003, coincidindo com o jubileu do pontificado do papa João Paulo II. Por isso o nome Igreja do Jubileu (MILANI, 2006).

A implantação do edifício é em um terreno triangular e plano com acesso principal a leste. A construção é composta por vários retângulos e curvas, responsáveis pela distinção das funções. Ao sul encontra-se a parte sacra, distinta pelas três curvas que, segundo o arquiteto, sugerem uma discreta alusão à Santíssima Trindade. Abrigam na sua forma a nave, a capela, o batistério, a sacristia e os confessionários (FIGURA 1). Ao norte encontra-se a parte profana, predominando as linhas retas, lugar onde está o centro comunitário e a casa paroquial (PROJETO DESIGN, 2004).

FIGURA 1: Igreja do Jubileu, planta baixa.



FONTE: PROJETO DESIGN, 2004, p. 59.

Segundo MILANI (2006), Méier a partir do desenho das curvas, adota componentes fundamentais para obter muita luz no interior da igreja. O uso de claraboias, paredes com caixilhos de vidro e a cor branca predominante, permitem que o interior da igreja seja repleto de luz (FIGURA 2).

FIGURA 2: Igreja do Jubileu, fachada posterior.



FONTE: PROJETO DESIGN, 2004, p. 59.

A luz é o elemento primordial na caracterização do espaço. O branco presente nem sempre é o mesmo, pois é transformado conforme a luz do dia. A percepção do espaço se transforma de acordo com as estações do ano, com o tempo e com as horas do dia. E a igreja, na sua transparência, mostra o céu e a luz verdadeira. O espaço interior é apresentado como uma extensão do exterior, pois convivem com a mesma luz, e dentro do espaço ela acaba se tornando radiante, acendendo um fascínio que anuncia a proximidade com o sagrado. A luz e a forma demonstram um espaço interior belo e envolvente. Na parede atrás do altar aparece o Cristo crucificado unido com uma luz que atravessa uma pequena abertura num grande nicho. Isso leva a pensar numa luz simbólica, a luz do Cristo, ou, talvez, a janela que leva à Deus (MILANI, 2006).

O Arquiteto Richard Méier, ao projetar uma igreja transparente e luminosa, faz do espaço da celebração de um catolicismo renovado e contemporâneo uma identidade nova e reconstruída para a Igreja católica (ARKINKA, 2004).

A luz branca e intensa apresenta uma Igreja que quer ser mais clara e mais transparente, no qual a estrutura e a luminosidade fazem um ambiente acolhedor e estimulante, próprio para reunião de uma comunidade (MILANI, 2006).

3. METODOLOGIA

A pesquisa através de referências bibliográficas é de suma importância para que não ocorra o plágio de trabalhos (MARCONI E LAKATOS, 2003, p. 225), portanto a metodologia deste trabalho ocorre inicialmente por meio de pesquisa bibliográfica, ou seja, realizar-se-á uma atividade de busca, indagação e investigação para que nos permita elaborar um conhecimento sobre o assunto (PÁDUA, 1996, p. 29). Em seguida será realizada a análise morfológica da obra e a sua relação com o meio e o usuário, seguindo os princípios apresentados pelos autores Carlos Antônio Leite Brandão (2001) e Bruno Zevi (1996), bem como o estudo de caso da Igreja do Jubileu, sendo que, para elaborar a pesquisa, devem-se levar em consideração três aspectos, sendo estes: o princípio do estudo; a indagação a ser investigada; os objetivos que se pretende alcançar e a possibilidade de atingir diversas linhas de estudo a partir do método (CESAR, 2005).

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Existem muitas histórias na arquitetura que seriam contadas de uma mais fiel a suas origens se seus escritores entendessem a arquitetura em toda a sua complexidade, da maneira que merece, não apenas vista pela beleza, a forma e sua função, mas sim, quais os sentimentos que o arquiteto quis transmitir, suas ideias, o que ele queria que os visitantes ou moradores desse local sentissem ao entrarem ali, em viver naquele lugar, esse que outrora foi pensado e transformado em um simples esboço, depois transpassado para outro desenho mais complexo, a ponto de que em seu último momento seria algo construído no mundo real, algo que está em um vocabulário tridimensional, diferente de qualquer outra arte, pois nessa arte em específico, o homem habita, incide, faz parte dela (ZEVI, 1996, p. 17).

Entretanto, ainda segundo Zevi (1996, p.25), a experiência espacial arquitetônica não se limita somente ao interior de um edifício, pois o espaço urbanístico também possui seu valor. Não se deve usar apenas usar o espaço de um edifício como instrumento crítico de uma obra arquitetônica, pois só este não é o suficiente.

Utilizando como parâmetro o conceito e a importância do espaço citado por Bruno Zevi anteriormente, podemos assim analisar a obra Igreja do o Jubileu, de Richard Meier. Através do modo de aproveitamento da luz, compreende-se que se pode abstrair, analisar e sentir a edificação, os seus espaços, suas singularidades e suas relações como o entorno, portanto através dessa

ferramenta, luz, somos induzidos a experimentar o que chamamos de sagrado. Outro grande fator é o elemento vidro, utilizado nos fechamentos verticais e no teto composto por claraboias de vidro, permitem um diálogo direto com o céu, tornando integrante da obra, estampando nuvens do céu azul sobre a cabeça dos que estão e passam pela igreja, além de promover um ensaio cênico de um jogo de luz e sombra, ressaltando o divino, o puro e o misterioso. Diante de todo esse conceito e percepção que sentimos do edifício, podemos entender a luz na sua origem projetual e sensitiva.

Já a abordagem morfológica busca analisar as “formas” existentes na obra, ou seja, as sensações proporcionadas ao observador por meio das mesmas, as tensões e movimentos, a relação entre as estruturas perceptivas e a estrutura formal, entre outros (BRANDÃO, 2001, p. 26).

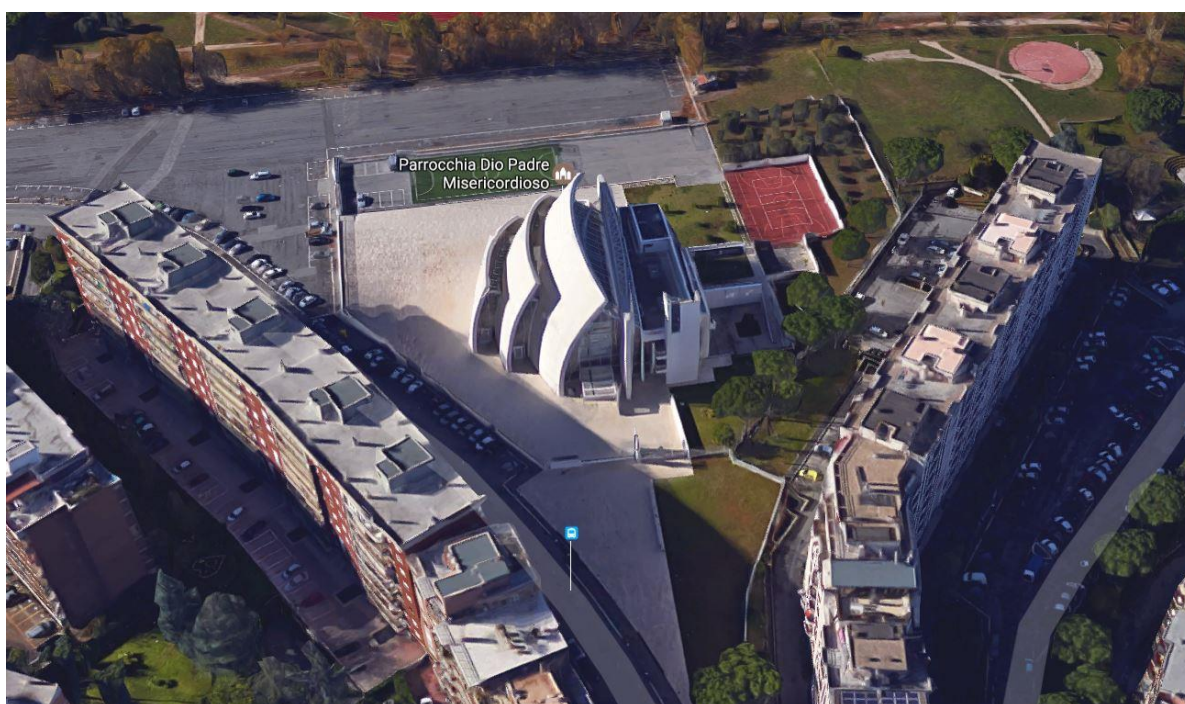
O enfoque morfológico, ainda segundo Brandão (2001, p. 27), não se dedica somente a ver como um determinado programa ou função foi resolvido pela forma arquitetônica, o teórico se concentra em examinar, por exemplo:

- Se o objeto se articula com o ambiente por similaridade orgânica ou por contraste;
- Se a forma empregada se basta em si mesma, ou é definida pelas condições de fruição e inserção urbana;
- Se a obra é plástica ou linear;
- Se as articulações privilegiadas, que guiam o olhar do observador é horizontal ou vertical;
- O edifício se relaciona com os planos de luz formando um volume arquitetônico unificado e próprio de uma composição dedutiva, ou um volume mais fragmentado e próprio de uma composição indutiva;
- A obra é uma soma de células espaciais que se repetem ou uma totalidade que se subdivide;
- A luz capturada pelo objeto é mais homogênea, proporcionando uma apreensão mais rigorosa e fixa da sua geometria, ou é mais heterogênea, possibilitando do mesmo reagir com o ambiente e aparecer de formas diversas durante o dia.

Seguindo a análise morfológica citada acima, observa-se que a Igreja do Jubileu se articula com o ambiente de forma contrastante, pois a mesma encontra-se no meio de um bairro, em Roma, cercado por edifícios habitacionais, ou seja, a obra tem a possibilidade de ser reproduzida em qualquer outro local, pois não está totalmente integrada com o meio (FIGURA 3). Com isto analisa-

se também que a forma arquitetônica produzida na igreja se basta em si mesma, não dependendo do urbanismo ao seu redor.

FIGURA 3: Igreja do Jubileu inserida no bairro Tor Ter Teste, em Roma.



FONTE: Google Maps.

É possível ver a plasticidade orgânica por meio das três curvas presentes na fachada, sendo que as mesmas insinuam a alusão da Santíssima Trindade e a sua forma convergente abriga a nave, a capela, o batistério, a sacristia e os confessionários. Tais semicírculos privilegiam as articulações verticais das linhas mestras, ou seja, a verticalidade da obra chama a atenção do observador pela grandiosidade das curvas (FIGURA 2).

Os planos do objeto se relacionam com a luz tornando o volume mais fragmentado e próprio de uma composição indutiva, sendo que a iluminação natural é capturada de forma heterogênea, proporcionando a possibilidade de a obra reagir de diversas formas durante o dia. A cor branca presente na igreja é transformada conforme a luz incide, sendo que o espaço se transforma de acordo com as estações do ano, o tempo e as horas do dia, proporcionando ao observador enumeras sensações tanto na visão exterior, quanto interior (FIGURA 4), pois os fechamentos em vidro presentes na nave permitem a interação do espaço interior com o exterior torando possível a observação do céu, mesmo estando dentro da obra.

FIGURA 4: Diferentes visões proporcionadas ao observador.



FONTE: Adaptado de Archdaily e Google maps.

Por fim o edifício é uma totalidade que se subdivide por meio dos “rasgos” presentes na fachada, sendo impossível passarem despercebidos pela visão de qualquer observador.

FIGURA 5: Vista frontal da obra.



FONTE: Revista AXXIS.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou compreender os aspectos formais e espaciais da obra Igreja do Jubileu, do arquiteto Richard Meier, seguindo os parâmetros apresentados por Carlos Antônio Leite Brandão e os conceitos espaciais de Bruno Zevi. A hipótese inicialmente proposta no estudo, dando a impressão de que a obra pertence ao meio onde está inserida estava equivocada, pois após apresentar o embasamento teórico e analisar a obra, foi possível compreender seu grande contraste com o entorno, sendo uma obra de caráter abstrato, podendo ser compreendido seu sentido arquitetônico por si só, sem a necessidade de analisar o contexto no qual está inserido, seu entorno. Destacou-se a importância da luz no projeto, devido as suas formas, uso do vidro e a cor branca predominante permitem que o interior da igreja fosse repleto de luz, que segundo o próprio arquiteto, a cor branca nunca é apenas branca, pois está sempre mudando pela luz, pelo céu, nuvens, sol e a lua. Por fim, concluímos que a obra possui uma grande importância como símbolo da arquitetura contemporânea e também percebemos que seus maiores valores estão escondidos e guardados para aqueles observadores mais detalhistas, claramente qualquer observador e visitante sem um amplo conhecimento da arquitetura iria se impressionar visitando a Igreja do Jubileu, porém aqueles que possuem uma noção mais aprofundada da arquitetura ou conhecessem as ideias de Brandão e que sentem, interpretam a arquitetura como Bruno Zevi, teriam uma experiência mais completa da obra, na sua mais pura complexidade, captando cada detalhe e sentimento transmitido do arquiteto, para aqueles que fossem visitar sua obra.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, K. **Em foco: Richard Meier**. 2016. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-146278/feliz-aniversario-richard-meier>> Acesso em: 09 abr. 2017.
- ARKINKA. **Lima: Arkinka**. n. 104, jul. 2004. Disponível em: <www.lumearquitetura.com.br/pdf/ed32/ed-32%20AT.pdf> Acesso em: 09 abr. 2017.
- BRANDRÃO, C. A. L. **Os modos do discurso da teoria da arquitetura**. In. Cadernos de Arquitetura, Ritter dos Reis, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 17-43, 2001.
- CESAR, A. M. R. V. C. **Método do estudo de caso (Case Studies) ou métodos do caso (Teaching Cases)? Uma análise dos dois métodos no Ensino e Pesquisa em Administração**. Apostila utilizada para fins didáticos na Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2005. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCSA/remac/jul_dez_05/06.pdf Acesso em: 25 de março de 2017.
- CHAO, E. **RICHARD MEIER 1934: El Arquitecto de la Construcción y Tecnología**, [S.l.]. 2006. Arquitetura, p. 50. Disponível em: <<http://www.imcyc.com/ct2006/abril06/ARQUITECTURA.pdf>> Acesso em: 09 abr. 2017.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª Edição. Editora Atlas, São Paulo, 2003.
- MEIER, R. **Trecho de discurso**. Prêmio Pritzker. 1984. Disponível em: <<http://www.richardmeier.com/>> Acesso em 23 de março de 2017.
- MILANI, E. M. **Arquitetura, luz e liturgia: Um estudo da iluminação nas igrejas católicas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico – prática**. 3ª Edição, Campinas, SP: Papirus, 1996.
- PROJETO DESIGN. **São Paulo: Arco**. n. 289, mar. 2004.
- RIBAS, C. L. ; RIBAS, D. L. **Inspiração: Richard Meier por Carolina e Denise Leal Ribas**. 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/imoveis/inspiracao-richard-meier-por-carolina-e-denise-leal-ribas-eahgv9zi8qtjq9w39lq01agjy>> Acesso em: 09 abr. 2017.
- ZEVI, B. **SABER VER A ARQUITETURA**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.